

Stephen BAILEY. *Academic Writing. A Handbook for International Students*. Fourth Edition, London and New York: Routledge. Taylor and Francis Group, 2015, xviii + 284 pp.
ISBN: 978-1-138-77850-4 (pbk)

Maria da Graça L. Castro Pinto

mgraca@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Stephen Bailey, nomeado pela *Routledge Education* Autor do mês de setembro de 2014, publica no ano de 2015, também na editora *Routledge*, a quarta edição de *Academic Writing. A Handbook for International Students*. Trata-se de um autor com ampla experiência de ensino de inglês a estrangeiros na Europa e especialmente na Ásia (Tóquio e Johor Bahru na Malásia). As dificuldades que notava nos alunos orientais aos quais ministrou aulas de língua inglesa para fins académicos (“English for Academic Purposes”), porque pretendiam prosseguir os seus estudos em instituições de ensino superior onde as aulas eram lecionadas nessa língua, motivou-lhe a escrita de materiais que contribuíssem para que os estudantes não nativos do inglês viessem a melhorar a sua competência textual académica, tanto na esfera da leitura como na da escrita. Importa ressaltar a popularidade que tem conhecido, nos últimos anos, o interesse pelo ensino e estudo de “English for Academic Purposes” (EAP). Com efeito, em 2002, surge inclusive uma revista intitulada *Journal of English for Academic Purposes* com chancela da Elsevier e dirigida por P. Thompson e K. Hyland.

Observa-se então, nesta obra como em anteriores, como Stephen Bailey é especialmente sensível a um assunto emergente para o qual, mercê da sua vasta prática letiva a estudantes estrangeiros, está apto a oferecer contributos significativos. Não é consequentemente fortuito que dedique o primeiro dos dois parágrafos que integram os “Acknowledgements” (p. xii) do manual em apreço aos estudantes que, ao longo de 30 anos, lhe mostraram como devia atuar para que pudessem superar os problemas com que se defrontavam. Ilustra bem essa gratidão a seguinte frase: “Their enthusiasm and resilience has been a constant inspiration for me” (p. xii).

Academic Writing. A Handbook for International Students destina-se assim ao ensino de escrita académica em inglês a estudantes de outras línguas, a estudantes internacionais na designação do autor, em virtude de a língua inglesa se ter tornado a língua de eleição para a divulgação científica nas diferentes áreas, necessitando por isso de ser bem dominada para que os trabalhos resultantes das investigações realizadas possam chegar a uma comunidade de leitores alargada.

A primeira edição desta obra foi publicada em 2003. A presente edição, a quarta, distingue-se das precedentes por comportar uma parte, a terceira, com o título “Vocabulary for Writing”, mais vocacionada para refrear as limitações que os estudantes sentem quando leem e escrevem trabalhos académicos em inglês. Nesta edição, sente-se o cuidado do autor em salientar que, por um lado, a leitura deste género textual deve também focar-se no vocabulário utilizado e que, por outro lado, a sua escrita deve traduzir uma boa mestria da terminologia que melhor se ajuste a este género. Em suma, porque não basta aprender listas de palavras para dominar o vocabulário de uma certa área, Stephen Bailey indica diferentes abordagens que facultem aos estudantes a sua melhor compreensão (ver pp. 155-160).

Apesar de esta publicação, através do seu título, nos remeter para os estudantes como seu principal destinatário, é digno de reparo o facto de Stephen Bailey nela inserir duas breves introduções: a primeira reservada aos professores (pp. xiii e xiv) e a segunda aos estudantes (pp. xv e xvi). Nesse espaço, o autor faz notar que estamos perante um livro que oferece uma organização que permite ora o seu uso em sala de aula, nomeadamente nas Partes 1 (“The Writing Process”: pp. 1 a 82), 2 (“Elements of Writing”: pp. 83-152) e 3 (“Vocabulary for Writing”: pp. 153-204), ora de modo autónomo (Partes 2, 3 e 4 (“Writing Models”: pp. 205-233) ou ainda como obra de referência (Partes 3 e 4) (ver p. xiv). Dos professores, aguarda comentários que concorram para o aperfeiçoamento de novas edições; dos estudantes, espera a mesma atitude acrescentando que achegas anteriores foram da maior utilidade para a escrita desta nova edição. Alerta ainda Stephen Bailey na “Introduction for Teachers” algo de que qualquer leitor se apercebe quando folheia *Academic Writing. A Handbook for International Students*, ou seja, retomando as palavras do autor, “Teachers may wish to work through the writing process in Part 1 while referring to units in Part 2 as the group progresses. (Part 2 is not intended to be taught from start to finish: note the alphabetical organisation of Parts 2, 3, and 4.)” (p. xiii). Verifica-se, na verdade, que há itens que são versados em diferentes momentos da obra sob óticas distintas mas complementares.

Consciente de que está em causa um manual, Stephen Bailey incorpora, em cada uma das quatro partes citadas, exemplos que servem para elucidar a matéria que vai expondo e exercícios para que o leitor possa apurar se está a acompanhar convenientemente os conteúdos. A configuração deste género de publicação exige portanto que este termine com secções, para além do Index, a final (pp. 282-284), de cunho muito prático e que aspiram fazer dele um instrumento objetivado exatamente para um uso autónomo: “Test Your Progress” (pp. 234-235), “Glossary” (pp. 236-239) e “Answers” (pp. 241-281), esta última indispensável para que o leitor saiba se respondeu ou não corretamente às questões que lhe foram sendo colocadas, ao longo do manual, no formato de exercícios. O teor prático desta obra, com o pendor de instrumento de trabalho também autónomo, é evidente desde o seu início, uma vez que, após as introduções que ocorrem depois

das secções “Contents” (pp. v-xi) e “Acknowledgements” (p. xii), o leitor encontra uma breve secção (pp. xvii-xviii), denominada “Academic Writing Quiz”, que lhe dá a oportunidade de responder à pergunta do autor “How much do you know about academic writing?” e de ficar assim a saber até que ponto domina a escrita académica.

O cariz prático e utilitário deste manual é sem dúvida um dos seus pontos fortes. Acresce-se que muitos das rubricas nele reportadas, estabelecidas para a aquisição de competências de escrita académica em inglês por falantes não nativos dessa língua, também são benéficos para o exercício desse género de escrita nas línguas nativas desses estudantes, tornando-o por isso um livro de referência no plano da escrita académica em geral, porquanto, como comentava Johann Wolfgang von Goethe, “Wer fremde Sprachen nicht kennt, weiss nichts von seiner eigenen.”¹

A *Part 1* (“The Writing Process”) subdivide-se em 12 subpartes (“units” na obra) breves, mas concisas e completadas habilmente com exemplos e exercícios. A primeira subparte familiariza o leitor com os tipos mais frequentes de escrita académica, dos mais breves aos mais longos, e respetivas designações e estruturação. Fornece ainda informações sobre como concretizá-las textualmente, algo a que o autor volta noutros momentos do manual (ver, por exemplo, a organização dos parágrafos na subparte 1.10). O papel de uma leitura bem fundamentada e crítica, com um apontamento particular para o acesso às fontes através da internet (pp. 19-20), constitui o objeto da segunda e terceira subpartes, que prepara o da quarta subparte, que contém informação sobre o plágio e o modo de o evitar por meio da paráfrase e do resumo, temas da sétima subparte. Na quinta subparte, é realçada a relação entre a compreensão dos títulos e a planificação de um ensaio com destaque para o “brainstorming” e o esquema (“outline”), visando este auxiliar a achar o fio condutor do processo da escrita. Uma atenção particular é conferida na subparte 6 à deteção dos pontos-chave nos diferentes textos e à sua anotação. Na subparte 8, é dispensado espaço às referências, mesmo às secundárias, e às citações (“quotations”), frisando o cumprimento das normas a seguir para a sua indicação e mostrando como devem ser introduzidas. A combinação crítica das fontes de vária ordem é objeto da subparte 9. Informação acerca, entre outros, da dimensão e estrutura das introduções e das conclusões, figura na subparte 11. Esta primeira parte do manual fecha com a subparte 12 intitulada “Rewriting and Proofreading”. Em relação à reescrita, a seu respeito ter-se-ia esperado um balanço com mais profundidade por força da influência que a revisão exerce na escrita enquanto processo (ver, entre outros, Donald Murray 2013 e Pinto, 2014: 191-211).

1 - Citação publicada originalmente na revista *Über Kunst und Altertum*, Bd. 3, H.1, 1821. Surge, postumamente, integrada em Johann Wolfgang von Goethe (2006) *Maximen und Reflexionen* Herausgegeben und mit einem Nachwort von Helmut Koopmann. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG.

A *Part 2* (“Elements of Writing”) subdivide-se em 14 subpartes que obedecem à mesma configuração das constantes na *Part 1*. A primeira subparte merece um realce singular porque apela para a necessidade de se ter um domínio da matéria que faça sentir que existem diferentes pontos de vista que conduzem à sustentação de um argumento e a uma discussão que encaminhará para uma conclusão pessoal. Para o efeito, Stephen Bailey expõe o vocabulário, a linguagem e a organização apropriados à discussão. Os meios de traduzir a causa e o efeito, muito frequentes nos trabalhos académicos, são fornecidos na subparte 2 e posteriormente retomados, com o título “Problems and Solutions” na subparte 10. Contribuições para a verbalização da coesão, das comparações e dos artigos definidos são disponibilizadas nas subpartes 3, 4 e 5. Na medida em que a escrita académica também tem de operar com definições, sobretudo de termos que possam oferecer mais dificuldade ao leitor, com exemplos, com generalizações, nomeadamente para introduzir um tópico, com passivas, no intento de a escrita ser mais formal, menos pessoal, sem que se caia obviamente em exageros, com a pontuação, com o número (singular ou plural) e com informação visual, as subpartes 6, 7, 8, 9, 11, 12 e 14 foram expressamente redigidas para transmitir a forma de os consubstanciar. Por fim, a subparte 13, a penúltima desta *Part 2*, dá instruções para que o estudante desenvolva a sua voz, descubra o seu estilo, evitando a repetição e a redundância (pp. 141-142), variando a dimensão das frases (pp. 142-143) (ver, a este propósito, Lanham 2006), usando de caução (pp. 143-144), ou seja, tirando partido da modalidade segundo Vihla (1999), e servindo-se de modificadores (p. 144).

À *Part 3* (“Vocabulary for Writing”), que integra 10 subpartes, é atribuída uma ênfase especial nesta corrente edição, visto que, na opinião de Stephen Bailey, é fulcral que a escrita académica exercida por estudantes internacionais respeite o emprego correto e rigoroso do vocabulário. Na subparte 1 (“Approaches to Vocabulary”), são elencados exemplos de palavras que colocam dificuldades aos estudantes internacionais como, por exemplo, palavras com um sentido mais complexo que precisam de ser mais trabalhadas, pares de palavras que se podem prestar a confusões pela sua proximidade sonora, abreviaturas (ver em especial a subparte 2 no que respeita às abreviaturas mais comuns e aos acrónimos) e palavras ou grupos sintagmáticos que podem ocorrer noutras línguas por serem de difícil tradução para o inglês e de uso muito comum por parte de quem pratica com assiduidade este género textual. Atendendo a que, para o autor, “[e]ffective academic writing requires accurate use of both nouns and adjectives” (p. 167), na subparte 3, no quadro do vocabulário académico, são propostos os nomes e os adjetivos mais adequados à escrita em questão. Quanto aos verbos e advérbios, a estes é-lhes consagrada a subparte 4. Importa aludir que os verbos de referência, basilares para quem escreve textos académicos, são contemplados neste espaço (ver p. 174). As conjunções, os números, os prefixos e sufixos, as preposições e os marcadores temporais são tratados respetivamente nas subpartes 5, 6, 7, 8 e 10.

Na subparte 9 (“Synonyms”), o leitor depara com uma secção que reclama uma atenção particular porque quem escreve é obrigado a valer-se com frequência de sinónimos para não repetir vocábulos na sua escrita e também para poder parafrasear ou resumir na mira de evitar a reprodução e, em última hipótese, o plágio (p. 197). À semelhança das já enumeradas subpartes, estas também vêm acompanhadas de exemplos e de exercícios.

A *Part 4* (“Writing Models”), a última deste manual, comporta, sustentada por exemplos apropriados e colocação de questões, os desenhos de diferentes modalidades de modelos de escrita, desde os “Case Studies” (subparte 1), aos “Surveys” (subparte 5), passando por “Literature Reviews and Book Reviews” (subparte 2), “Writing Longer Essays” (subparte 3) e “Reports” (subparte 4), que Stephen Bailey distingue dos ensaios. Explanadas as secções de um relatório científico, o autor termina esta subparte com a indicação do seu formato (pp. 227-228), que, em virtude de conter um experimento, oferece uma configuração idêntica à de um artigo científico com parte prática como podemos constatar, por exemplo, em *Libra* (2001) e *Neil Murray* (2012).

Sobressai da obra em análise um conhecimento seguro por parte do autor do que se entende por ensinar a escrita académica em inglês a estudantes internacionais. Os tópicos patenteados e os exemplos de que Stephen Bailey se serve só podem ter sido selecionados em função das dificuldades que os seus estudantes revelavam nos cursos por ele ministrados em diferentes paragens geográficas e linguísticas.

À primeira vista, poderá sentir-se que fazem falta, neste manual, indicações sobre a forma como contornar as fragilidades que qualquer professor deteta, mesmo em estudantes que estão a escrever trabalhos académicos nas suas próprias línguas, no momento em que é requerida a passagem à interpretação com o imprescindível recurso a fontes fidedignas (*Neil Murray* 2012; *Skelton* 1997), quer sob forma de citações integrais ou não integrais (*Swales* 1990), quer de citações (“quotations”) devidamente cotextualizadas e contextualizadas (*Jakobs* 2003). É provável, porém, que Stephen Bailey parta do pressuposto de que a leção dos conteúdos em sala de aula complementa aspetos que possam estar menos explicitados no manual.

Revestir-se-ia ainda de conveniência ver no fim de cada “Part” ou mesmo de cada “Unit” uma remissão para “Further readings”, na terminologia inglesa. A não inclusão neste manual de referências a obras de autores que se têm dedicado a este mesmo assunto, investigadores ou docentes de aulas de composição escrita, parece constituir um momento menos forte numa publicação bem elaborada, com uma disposição gráfica de elevada qualidade e com uma abrangência conteudística pertinente, equilibrada e útil para quem está a aprender ou a aperfeiçoar a sua escrita académica em língua inglesa, independentemente da fase em que se situe nos seus estudos ou na sua carreira académica.

Enquanto investigadora e docente do ensino universitário que se preocupa com a escrita dos seus estudantes, *Academic Writing. A Handbook for International*

Students de Stephen Bailey, na sua quarta edição, é uma obra inquestionavelmente a aconselhar sobretudo tendo em vista o que ela faculta de trabalho autónomo, tão propalado pelo processo de Bolonha para adoção no ensino superior em matéria de competências de aprendizagem.

Referências

Jakobs, E.-M. 2003. Reproductive writing – writing from sources. *Journal of Pragmatics*. **35**: 893-906.

Lanham, R. A. 2006. *Revising Prose*. Fifth Edition. New York: Pearson Longman.

Libra, J. A. 2001. *How to Write a Paper. Introduction to Scientific Work Seminar, Module 6. International Study Course Environmental and Resource Management*, Brandenburg Technical University Cottbus, Germany. Versão enviada pela autora.

Murray, D. M. 2013. *The craft of revision*. Fifth Anniversary Edition. Boston: Wadsworth Cengage Learning.

Murray, N. 2012. *Writing essays in English language and linguistics. Principles, tips and strategies for undergraduates*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pinto, M. da G. L. C. 2014. *A escrita. O papel da universidade na sua otimização*. Co7 CapFLUP. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Skelton, J. 1997. The representation of truth in academic medical writing. *Applied Linguistics*. **18 (2)**: 121-140.

Swales, J. M. 1990. *Genre analysis: English in academic and research settings*. 13th printing 2008. Cambridge: Cambridge University Press.

Vihla, M. 1999. *Medical Writing. Modality in Focus*. Language and Computers: Studies in Practical Linguistics No 28, edited by Jan Aarts and Willem Meijs. Amsterdam – Atlanta, GA: Editions Rodopi B. V.